



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Potencialidades da mídia não hegemônica nas dinâmicas urbanas

V 11 | n 20 | jan-jun 2022

Ativismo e mídia independente em tempos de devastação social: notas da insurreição juvenil na Grande Buenos Aires

Valdeci Reis



Edição eletrônica

URL: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nauui.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

REIS, Valdeci. Ativismo e mídia independente em tempos de devastação social: notas da insurreição juvenil na Grande Buenos Aires. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 145-168, jan-jun 2022. Semestral.

© NAUI

Ativismo e mídia independente em tempos de devastação social: notas da insurreição juvenil na Grande Buenos Aires

Valdeci Reis¹

Resumo

Estudo etnográfico, com revisão de literatura sobre a construção social do peronismo, no qual o objetivo é relatar e analisar as táticas de mobilização do movimento *La Cámpora*, uma articulação de jovens argentinos de esquerda. Tendo por base a teoria dos movimentos sociais de Alain Touraine, destaco, nas notas etnográficas, as mobilizações protagonizadas por este coletivo na Grande Buenos Aires e sua articulação com a mídia independente para denunciar as medidas de austeridade que o Governo de Mauricio Macri (2015-2019) tentou aprovar junto ao parlamento daquele país. A partir da análise dos dados etnográficos, aponto que, diante do mal-estar social, político e sanitário, faz-se necessário que os movimentos sociais estejam presentes nas redes sociais digitais, tenham capacidade de estruturar mídias alternativas para dialogar com as massas, bem como ampliem o trabalho de base nas comunidades periféricas.

Palavras-chave: Juventude; Peronismo; Participação social; Etnografia; Argentina.

Activism and independent media in times of social devastation: notes from the youth uprising in Greater Buenos Aires

Abstract

Ethnographic study, with a literature review on the social construction of Peronism, in which I aim to report and analyze the mobilization tactics of the La Cámpora Movement, an articulation of young left-wing Argentines. Based on Alain Touraine's theory of social movements, I highlight, in the ethnographic notes, the mobilizations carried out by this collective in Greater Buenos Aires and its articulation with the independent media to inform against the austerity measures that the Government of Mauricio Macri (2015-

¹ Doutor em Educação. Servidor do Instituto Federal de Santa Catarina. E-mail: pedagovaldeci@gmail.com.

2019) tried to pass it in the parliament of that country. From the analysis of ethnographic data, in the face of social, political and health malaise, I point out that it is necessary for social movements to be present in digital social networks, to have the ability to structure alternative media to dialogue with the masses, as well as to expand groundwork in peripheral communities.

Keywords: Youth. Peronism; Social participation; Ethnography; Argentina.

As bases epistemológicas do estudo etnográfico

Tendo por base as reflexões da antropóloga Mariza Peirano, reconheço que, atualmente, há um profundo debate no campo das ciências sociais sobre as diversas concepções acadêmicas que fundamentam a pesquisa etnográfica. Corroboro a provocação da pesquisadora de que “etnografia não é método”. Tal perspectiva vai muito além do que uma simples técnica de pesquisa qualitativa: “toda etnografia é também teoria” (PEIRANO, 2014, p. 386). Nesse sentido, entendo os estudos etnográficos como um campo epistemológico em evolução.

Como muito bem sintetizou Malinowski (1975), a finalidade da etnografia é oferecer uma descrição detalhada e objetiva da situação observada. Espera-se que o etnógrafo seja capaz, a partir da situação vivenciada, de relacionar a problemática central de sua pesquisa, os referenciais que sustentam as bases epistemológicas do seu projeto com as percepções do grupo observado em relação ao fenômeno estudado/problematizado.

Um dos protocolos etnográficos mais significativos na etnografia malinowskiana era o diário de campo. O autor prezava pelos detalhes. Sua escrita tinha como propósito fazer o leitor se sentir no locus etnografado. Nos esclarecimentos apresentados no capítulo que abre o livro *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, o autor esclarece que, em algumas situações, a prática etnográfica exige deixar de lado gravador, máquina fotográfica, lápis e caderno, para, junto com os sujeitos pesquisados, participar de uma situação que esteja acontecendo no campo.

Na narrativa do autor, é possível identificar vários momentos em que ele deixa em segundo plano os protocolos de registro. Em alguns episódios, ele sentiu necessidade de

participar do ritual indígena, sendo uma forma de criar uma situação de confiança com o grupo que vinha acompanhando. Em outras ocasiões, a câmera ou o gravador poderia intimidar o sujeito com quem ele estava interagindo. Transcorrido o momento de observação no campo, então, o etnógrafo passava a escrever em seu bloco de notas todas as suas percepções acerca da experiência vivenciada.

A partir dos fundamentos de tal perspectiva antropológica, me proponho, neste artigo, a analisar as novas formas de ativismo e militância política que emergiram recentemente na província de Buenos Aires. Para tanto, priorizo dois elementos etnográficos: I) elucidação – contextualizando o locus observado e seu entorno (o protagonismo do *movimento La Cámpora* nas manifestações de rua e intervenções nas periferias); II) transformação de maneira clara, objetiva e fluida da situação vivenciada pelo pesquisador em texto escrito (o artigo parte de cenas registradas no diário etnográfico, para problematizar as percepções do grupo observado, articulando a problemática de pesquisa e o referencial teórico do fenômeno pesquisado).

Uma das inquietações que me conduziu a analisar este coletivo juvenil diz respeito à crise que os movimentos sociais populares vêm enfrentando diante das novas configurações e estrutura das redes sociais com o advento do big data, engenharia robótica capaz de analisar grandes volumes de interações nas redes em questão de segundos. Tal sofisticação tecnológica tem sido utilizada para monitorar tendências comportamentais da população, bem como desestabilizar campanhas eleitorais.

É fato que, no meio acadêmico, já existe uma vasta produção sobre o disparo de notícias falsas em massa, ajustadas de acordo com o perfil de cada internauta. Grande parte dessas discussões, no entanto, ficou restrita ao plebiscito que ocorreu no Reino Unido (*Brexit*) em 2016, assim como a inesperada vitória de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos. Todavia, um ano antes, uma espécie de laboratório foi desenvolvida na América Latina. A desinformação em massa via redes sociais digitais foi um dos fatores que contribuíram para que Maurício Macri vencesse o candidato peronista, Daniel Scioli, por uma margem apertada – 51,4% x 48,6% – no segundo turno das eleições presidenciais de 2015 (LIEBERMAN *et al.*, 2017; VIRDEE; MCGEEVER, 2017; REIS *et al.*, 2020; MELO, 2020).

Empossado em dezembro de 2015, o novo mandatário, tutelado pelo Fundo Monetário Internacional, tentou colocar em curso um complexo ajuste econômico que, se

efetivado, colocaria em risco toda a política de seguridade social existente no país. Em meio ao amplo debate que ocorreu na sociedade argentina sobre a eficácia de tal ajuste, um grupo se destacou nas ações e estratégias de diálogo e mobilizações das massas. O movimento *La Cámpora*. Trata-se de uma articulação de jovens de esquerda que nasceu no interior da agremiação partidária peronista. Integram o coletivo: Jovens Feministas da Argentina, Ação Kolina, Movimiento Evita, Juventude Peronista Revolucionária, Unidos e Organizados, Frente Transversal Trabajadora e Martín Fierro.

Embora atuante nas redes sociais digitais, a principal característica do movimento está nas intervenções – solidárias, artísticas e educativas – desenvolvidas nas periferias da Grande Buenos Aires. Conforme o leitor poderá conferir nos próximos tópicos, tal articulação foi um dos principais pilares de oposição ao governo de Maurício Macri, que tentou a reeleição em 2019, sendo derrotado em primeiro turno pela chapa peronista – Alberto Fernández (professor da UBA², foi chefe de gabinete de Nestor Kirchner) e Cristina Fernández de Kirchner (sucessora de Nestor, presidiu a nação por dois mandatos consecutivos).

Depois da inesperada vitória da direita nas eleições presidenciais da Argentina, em 2015, os integrantes do movimento *La Cámpora* acreditavam que um amplo trabalho de base seria essencial para combater as ondas de desinformação difundidas por meio de aplicativos digitais e monitoradas pelo big data. Diante do exposto, algumas ações colocadas em curso foram: aulas públicas de história em praças e centros comunitários (todo domingo pela manhã), sempre exaltando o legado de Eva e Perón; articulação com sindicatos e outras instituições da sociedade civil organizada para promover ações solidárias, cujo objetivo foi assistir as pessoas em situação de vulnerabilidade social; profundo diálogo e atuação conjunta com outros movimentos sociais organizados do país, como, por exemplo, as Mães e as Avós de Maio (cujos filhos e netos desapareceram durante a ditadura militar).

Outra estratégia decisiva para o sucesso desta agremiação juvenil que arrastava milhares de pessoas às ruas de Buenos Aires foi a articulação destes coletivos com a mídia independente. Como muito bem enfatiza Bernardo Kucinski (2003), a mídia contra hegemônica não é algo que surgiu com a internet, seus primórdios nos remetem às

² Universidade de Buenos Aires.

ditaduras que assolaram os países do Cone Sul. Na Argentina, essa articulação foi fundamental, pois a mídia tradicional do país havia sido cooptada pelo governo de Maurício Macri.

Jornais e TVs que haviam passado anos criticando a gestão kirchnerista, apontando casos de corrupção e sendo pressionados e perseguidos pelo governo, ficaram tão felizes com a chegada de Macri que abandonaram o senso crítico. Falharam, intencionalmente ou não, no modo de transmitir as vias pelas quais o país estava se perdendo. A trégua a Macri acabou sendo muito mais generosa do que o devido. Este, para devolver esses afagos, retirou entraves à atividade jornalística que o kirchnerismo tinha imposto: a Lei dos Meios, que obrigava empresas de comunicação a desinvestir, para evitar os monopólios (COLOMBO, 2021, p. 166-167).

Inspirada no “zapatismo 2.0” (CALDERÓN; CASTELLS, 2021, p. 177), a insurreição juvenil peronista tentava driblar o conchavo entre a mídia tradicional e Casa Rosada, além da vigilância ubíqua do big data, utilizada atualmente em excesso por governos dos mais variados espectros políticos, agências de inteligência e corporações do oligopólio financeiro. A complexidade da nova arquitetura da rede mundial de computadores tem instigado muitos debates acadêmicos. Neste estudo, recorro às reflexões da filósofa Shoshana Zuboff, professora emérita da Universidade de Harvard, para introduzir o conceito desta sofisticação tecnológica.

O big data é constituído pela captura de *small data*, das ações e discursos, mediados por computador, de indivíduos no desenrolar da vida prática. Nada é trivial ou efêmero em excesso para essa colheita: as ‘curtidas’ do Facebook, as buscas no Google, e-mails, textos, fotos, músicas e vídeos, localizações, padrões de comunicação, redes, compras, movimentos, todos os cliques, palavras com erros ortográficos, visualizações de páginas e muito mais. Esses dados são adquiridos, tornados abstratos, agregados, analisados, embalados, vendidos, analisados mais e mais e vendidos novamente (ZUBOFF, 2018, p. 31-32).

No atual estágio do desenvolvimento das redes, o grande ‘Leviatã’ que tudo captura é o algoritmo³, nada mais escapa à sua forma perversa de monitoramento ubíquo. Mais

³ De acordo com Dora Kaufman, “algoritmo é um conjunto de instruções matemáticas, uma sequência de tarefas para alcançar um resultado esperado em um tempo limitado. Os algoritmos antecedem os computadores – o termo remonta ao século IX, ligado ao matemático Al-Khwārismi, cujo livro ensinava técnicas matemáticas a serem equacionadas manualmente. “Algorismus” era originalmente o processo de calcular numerais hindo-arábicos” (2019, p. 34-35). Na cultura digital, trata-se de uma sequência lógica que permite comandos autônomos de processos informatizados.

do que espaços de interações e diálogos, a infosfera vem se transformando em um sofisticado projeto de controle e vigilância social (SANTAELLA, 2016).

Um espectro ronda a Grande Buenos Aires. Trata-se do espectro de ‘Santa Evita’: notas sobre a efervescência do peronismo no imaginário da sociedade argentina

O dia amanheceu fresco e ensolarado. Certamente, as condições climáticas estavam favoráveis para arrastar mais uma multidão à *Plaza de Mayo*. Pelas ondas da rádio *FM La Tribu*⁴, ouvia-se o debate acalorado entre os líderes dos diversos coletivos juvenis que integram o movimento *La Cámpora*. Nos canais do Grupo Clarín, o foco da narrativa jornalística era o pacote de medidas econômicas que Macri havia enviado para o parlamento. Segundo as análises veiculadas pela mídia tradicional, a austeridade era fundamental para que o país resgatasse sua credibilidade junto aos mercados e voltasse a receber a *chuva de investimentos estrangeiros*, umas das principais promessas de campanha do mandatário. O ato convocado pelos coletivos juvenis, com o apoio das centrais sindicais, seria apenas mais um contra as propostas que Mauricio Macri tentava aprovar no parlamento.

De acordo com as múltiplas narrativas que tentavam analisar a fúria que se formava na cidade portenha naqueles primeiros meses de 2019, todas as manifestações ocorridas nas proximidades da sede do parlamento ou da presidência da república tinham superado a incrível marca de 300 mil pessoas – uma massa indignada contra os cortes na educação, saúde e seguridade social, anunciados pelo então mandatário da nação. Ressalta-se que as manifestações nas ruas de Buenos Aires (ocorriam às quintas-feiras, a cada 15 dias) e painéis (diariamente, às 20 horas) eram totalmente ignorados pela mídia tradicional, sendo destaque somente na mídia independente. Aproveitei as próximas horas vagas que teria naquela manhã para organizar um conjunto de anedotas que havia escrito em meu diário etnográfico, enquanto lia diversos registros históricos na tentativa de compreender como se constituiu o movimento peronista.

⁴ Rádio Comunitária sediada em Buenos Aires, opera na estação 88,7 FM desde 1989. É ouvida pela população do interior por meio da internet e dispositivos móveis. É um dos veículos de comunicação independente mais respeitados do país. Sua programação jornalística prioriza pautas relacionadas aos direitos humanos, movimentos sociais, cultura popular e programas musicais. A rádio permanece no ar 24 horas, podendo ser sintonizada de qualquer ponto da capital argentina. Site: <https://fmlatribu.com/>. Acesso em: 6/6/2021.

Na pesquisa que havia colocado em curso nos últimos dias, privilegiava registros das memórias dos sindicalistas, líderes comunitários, escritores que problematizavam a cultura argentina, bem como pesquisadores peronistas e antiperonistas consagrados pela academia. Na cultura argentina, poucas palavras são utilizadas para referenciar um estado de coisas tão amplo como o substantivo *peronismo*.

Os argentinos invocam essa palavra quando desejam caracterizar um movimento de massas insurgido na década de 40 do século XX, liderado pelo então coronel Juan Domingo Perón. Serve para categorizar a primeira década em que Perón comandou a nação (1946-1955). Também é utilizada para referenciar uma das principais agremiações políticas do país, fundada por Perón, logo após sua vitória nas eleições de 1946. Desde então, os candidatos peronistas venceram 10 das 12 eleições presidenciais ocorridas no país.

Em três oportunidades – 1946, 1952, 1973 – Perón foi candidato e saiu vitorioso das urnas para comandar a nação. As diversas narrativas historiográficas existentes para descrever o que foi esse agitado período político do país nos fornecem algumas pistas de como o substantivo *peronismo* é capaz de desencadear uma explosão de amor ou ódio: *movimento popular revolucionário, ditador bonapartista sul-americano, a mais extraordinária experiência nacional-popular da América Latina, populismo autoritário* são algumas das caricaturas utilizadas para explicar esta efervescência política.

O único consenso entre os intelectuais – sejam eles simpáticos ou críticos a Perón – trata-se do levante das massas, insurgido nas periferias dos centros urbanos e no interior agrícola das províncias, que, aos poucos, foi ganhando a simpatia dos sindicatos, setores ligados à igreja católica e à parte do exército argentino. No processo de *peronização* da sociedade argentina, Evita foi uma protagonista essencial. Atriz experiente no processo de dialogar com o povo por meio dos meios de comunicação de massa, soube, como poucos, usar a mídia a favor dos seus interesses políticos.

Arturo Jauretche (1959), ao analisar o surgimento do fenômeno peronista, bem como as causas que o transformaram em um movimento político de massas, ressalta a importância do ‘casamento ideológico’ que irá sustentar a fundação da agremiação partidária: Eva Duarte (focada na promoção de assistência social aos descamisados) e Juan Perón (comprometido com a implantação de uma agenda trabalhista que trouxesse

o mínimo de dignidade aos desvalidos da sorte que viviam à margem da burguesia boêmia de Buenos Aires).

Com toda a certeza, essa vertente política não teria sobrevivido a mais de sete décadas se não fosse o papel da juventude e dos intelectuais na reinvenção do movimento. Nas três fases que a sociedade argentina atravessou desde que Perón chegou ao poder pela primeira vez – **peronização** (período em que Evita foi primeira-dama), **desperonização** (ditadura militar), **reperonização** (processo de redemocratização do país) –, uma quantidade significativa de seminários, livros e artigos foi produzida e colocada à luz da reflexão crítica, na tentativa de desvendar o que é o peronismo. É preciso ressaltar que o intelectual argentino tem características muito peculiares, diferentes do que se entende por intelectual no Brasil.

Se na cultura brasileira a ideia de intelectual está associada a um acadêmico universitário, que, do seu laboratório de pesquisa, estuda, teoriza e publica suas análises em prestigiadas revistas internacionais sobre determinado assunto, no país vizinho, o intelectual sempre esteve historicamente associado às massas. Um dos princípios básicos da sociologia argentina é: se uma teoria não serve para conduzir o povo à reflexão, o trabalho intelectual não serve para nada e, por consequência, deve ser jogado na lata do lixo.

A partir do momento em que um pesquisador argentino formula determinadas hipóteses, elas são disponibilizadas ao público por meio de ‘livretos’ ou ‘folhetins’, um tipo de publicação editado para ser difundido entre as massas. Os seminários argentinos também têm especificidades muito peculiares em comparação com o Brasil; não se trata de uma reunião elitizada e, sim, de uma oportunidade de dialogar com o povo – multidões, para ser mais preciso – sobre determinado fenômeno social. Na atualidade, por exemplo, os seminários do movimento *La Cámpora* ocorrem em estádios de futebol.

O professor emérito da UBA Carlos Fayt, titular da cátedra de Direito Político na época em que Perón comandou a nação pela primeira vez, esteve à frente de uma ampla pesquisa em que se propunha a desvendar *la naturaleza del peronismo*. Ao contrário de Jauretche, que participou da fundação do movimento peronista e integrou o primeiro governo de Juan Perón, distanciando-se nos anos seguintes pelos excessos cometidos pelo militar, Fayt sempre se posicionou de forma crítica a Perón. Dizia-se simpático às causas socialistas, mas horrorizado com excessos autoritários da então denominada ‘ditadura do

proletariado'. As ambivalências que aparecem nas suas análises na tentativa de compreender as razões para a insurgência do movimento nos fornecem algumas pistas da complexidade que paira sobre este fenômeno político:

1) El peronismo es una forma de autoritarismo basada en el poder de las masas [...]; 2) El peronismo ideológicamente es el enemigo del liberalismo [...]; 3) Sus dos brazos son la justicia social (Perón) y la asistencia social (Eva) y con ellos tiene la intención de unir al pueblo en un abrazo de justicia y amor [...]; 4) El peronismo no hubiera existido sin el apoyo del ejército, la iglesia, la clase obrera, ni sin el hecho de que las masas populares argentinas estaban completamente desamparadas [...]; 5) Se asemeja al fascismo [y] muestra similitudes con el bonapartismo [...]; 6) El proletariado apegado al peronismo no es antidemocrático [...], sino que permanece en una actitud de pasividad profunda, hecha de nostalgia y espera, acostumbrada a recibir todo del poder, sin esfuerzo y sin futuro (FAYT, 1967, p. 155-158).

Uma anedota curiosa sobre esses dois intelectuais argentinos é que, enquanto Arturo Jauretche, após passar pelo Ministério da Economia do primeiro Governo Perón, distanciou-se da cena política para se refugiar no universo das letras, onde permaneceu escrevendo importantes ensaios analisando Perón, Eva, Isabelita e os sindicatos argentinos e mantendo certo distanciamento das ruas e das reuniões partidárias, o professor universitário Carlos Fayt fez o movimento contrário: participou intensamente da vida política de Buenos Aires, caminho que o conduziu à Suprema Corte, sendo que foi o mais longo ministro do STF argentino. Faleceu em 2016, aos 98 anos, reafirmando sua simpatia com as causas socialistas, todavia, um crítico ferrenho sobre o que considerava a perversão da 'grande utopia do século XX, bem como [d]os excessos cometidos em nome de um nacionalismo contraditório e uma suposta Pátria Grande'. Dos 35 livros que escreveu, três tiveram como objetivo central analisar o surgimento do fenômeno peronista.

Enquanto lia aquelas diferentes narrativas sobre o surgimento do movimento político peronista, meu inconsciente resgatava a primeira lição que havia aprendido na graduação sobre os fundamentos da antropologia: ciência que procura desvendar as contradições sociais. Ao ler os numerosos registros, fica evidente que, ao longo dessas sete décadas, a história do partido se confunde com a história recente da nação argentina. Trata-se de um movimento que agrega polêmicas e dissensos, bem como diversas correntes ideológicas, algumas conflitantes. Nos últimos anos, por exemplo, surgiram

pequenas correntes minoritárias no interior do partido que se autoproclamam ‘peronistas de direita’ e ‘peronistas liberais’.

A partir de 1950, o peronismo foi um tema tão central nas discussões sociológicas e antropológicas da Argentina, que qualquer intelectual que se propunha a analisar a realidade social e cultural do país, para ser ouvido ou lido, necessitava obrigatoriamente invocar as origens do movimento. Diante do exposto, corroboro a análise do antropólogo Federico Neiburg (1997), na qual o peronismo é uma invenção social e os intelectuais jamais estiveram à margem desse processo, ao contrário, ao lado de lideranças políticas carismáticas participaram ativamente de sua fabricação.

Enquanto folheava meu diário etnográfico, deparei-me com uma cena registrada dias antes, enquanto caminhava pelo bairro de Palermo. Batendo pernas há mais de três horas, estupefato com a arquitetura e com a projeção urbanística das praças e jardins, incrivelmente limpos e organizados mesmo em tempos de austeridade econômica, resolvi adentrar uma livraria especializada em literatura argentina. Sentado em uma estilosa poltrona, lendo um dos tomos da trilogia de Martín Caparrós: *La voluntad: Una historia de la militancia revolucionaria en la Argentina*, percebi que a loja estava defronte a um monumento histórico nacional: o *Museo Evita*.

Passei no caixa, paguei pelos livros escolhidos e atravessei a rua. A arquitetura do mausoléu chamava atenção de todos os turistas que passeavam pelo bairro. Dedicado a apresentar a historiografia de uma das personalidades mais emblemáticas da história política daquele país, o acervo, distribuído em três andares, proporcionava aos visitantes fotos, objetos pessoais e diversas filmagens de discursos proferidos pela então primeira dama. O artefato cultural, sob a curadoria do *Instituto Nacional de Investigaciones Históricas Eva Perón*, também dispunha de ambientes onde eram projetadas algumas filmografias de momentos enigmáticos como, por exemplo, o funeral de Evita, que durou 15 dias no parlamento argentino. Uma seleção de fotografias acompanhada por frases de impacto como “Yo sé que ustedes recogerán mi nombre y lo llevarán como bandera a la victoria” tentava retratar a grande ‘musa’ da memória peronista que, com sua delicadeza e habilidade política, acabaria imortalizada pela classe operária daquele país.

Comentei com a historiadora do museu que, na noite anterior, voltando para o hotel, havia encontrado alguns manifestantes que protestavam próximo à Casa Rosada. E um jovem, após me relatar a situação econômica dramática em que se encontrava o país,

finalizara seu diagnóstico com a seguinte expressão: “E se Evita soubesse!”. A historiadora, com os olhos marejados, admirando um retrato imenso de Evita que ocupava toda a parede do ambiente principal do museu, declamou: *Ayer, una mujer que con su inteligencia, corazón, pasión y encanto transformo la Argentina. Hoy, una inspiración para las nuevas generaciones del mundo.*

Naquele momento, constatava que Evita era muito mais que uma importante personalidade da história política argentina; tratava-se de uma entidade, um fantasma que ‘vigia ubiquamente’ a cidade de Buenos Aires. Perambulando pelas ruas, não conseguia caminhar duas quadras sem esbarrar em um painel, estátua ou artefato cultural referenciando ‘Santa Evita’, a líder espiritual dos ‘desprovidos da sorte’.

No Uber, a caminho do bairro San Telmo, fora informado da mais nova agitação da cidade: um movimento que reivindicava a beatificação de Evita. Eu, achando se tratar de uma piada, caí no riso, mas o jovem motorista rapidamente sintonizou na rádio FM La Tribu; sim, um debate caloroso era transmitido pelas ondas da emissora radiofônica. Roberto, que afirmou ter aderido ao movimento por influência da sua avó, acredita que, agora que “Bergoglio” está no Vaticano, o processo será rápido: *Ele é argentino, conoce o legado dela, tem consciência da esperança que Santa Evita ainda representa para o povo da periferia.*

Enquanto o carro seguia pelas avenidas largas do Bairro Recoleta, o motorista me questionava se já havia visitado o túmulo de Evita. Antes que eu pudesse responder, me informara, com entusiasmo, apontando à esquerda, onde está localizado o cemitério, que o local é um dos pontos turísticos mais visitados na cidade e que não poderia retornar ao Brasil sem visitar a sepultura: *Vir a Buenos Aires e não levar flores a ela é como se você não conhecesse a cidade.*

Surpreso com o que acabara de escutar, me questionava se o motorista estaria bem de suas faculdades mentais. Mas, antes mesmo de concluir qualquer diagnóstico, o motorista passou a relatar histórias póstumas da ex-primeira dama. A mais enigmática foi o roubo do seu corpo embalsamado. Segundo relatos que sua avó conta desde a infância, em 1955, a ditadura que derrubou Perón ordenou o sequestro do cadáver, até então exposto na Central Sindical CGT, sendo levado para a Agência de Inteligência da Nação: *Você que gosta de livros, pode conferir todos os detalhes nos escritos do historiador Felipe Pigna, relatou, olhando para os três livros que estavam no meu colo. Ressaltou o*

meu bom gosto para a escolha de literatura e comentou que não poderia deixar de ler o romance de Rodolfo Rabanal, *El desierto amarillo y el mundo flotante*, autor que considera o grande expoente das letras na atualidade.

Roberto é um típico argentino, fala incessantemente, de forma enérgica, independentemente de o interlocutor corresponder à conversa. Seguíamos pela avenida 9 de julho e o motorista continuava com o seu falatório, me contando, em detalhes, como o corpo embalsamado de Evita retornou ao cemitério da Recoleta. A quantidade de dados e fatos históricos minuciosamente narrada na língua local era tanta que minha mente não conseguia processar tudo que escutava. Peguei o celular e acionei o gravador de voz. Posteriormente, em um ambiente mais tranquilo, poderia analisar com mais detalhes tudo que aquele jovem me relatara com tanto entusiasmo.

Después del secuestro del cadáver, resultado de una invasión militar en el Centro de Trabajadores, decidieron ocultarlo en la Oficina del Secretario de Inteligencia Nacional. Pero no se quedó allí mucho tiempo, porque el lunático, cuando se emborrachaba en los bares de San Telmo, se jactaba de tener su cuerpo expuesto frente a su escritorio y ser el único militar que podía admirar tal belleza todos los días. Pronto la historia se filtró, generando indignación popular.

Por razones estratégicas de seguridad nacional, transportaron el cuerpo a la casa del oficial Antonio Arandía, quien, un día, cuando llegó a casa borracho y se enfrentó a Evita en la sala de su residencia, fue despedido gritando por las calles de la ciudad. Estaba convencido de que el líder peronista había regresado del infierno para asesinar a su esposa. Este episodio, presenciado por varios porteños y algunos periodistas opuestos al régimen militar, causó pánico entre el alto mando de las fuerzas armadas.

La cumbre militar, aterrorizada por la insurgencia que se formó en las afueras de Buenos Aires – en la periferia – temiendo que la nación se refiera a Evita como una deidad mitológica, optó por contrabandear el cuerpo a un cementerio en Milán, donde permaneció hasta 1971. Volvió al Cementerio de la Recoleta durante el Gobierno de Isabelita, la tercera esposa de Perón, quien vino a presidir la nación durante dos años (DIÁRIO DE CAMPO, março de 2019).

O falatório cessou na Avenida San Juan, na altura do Museu de Arte Moderna de Buenos Aires. Já estávamos próximos ao Bairro San Telmo, quando uma manifestação contra o Governo Macri sob a organização da classe artística fechara o trânsito. Informei ao jovem motorista que conhecia o caminho e seguiria a pé. Ele me advertiu: *ao visitares o túmulo de Evita, leve 'flor de ceibo', ela era encantada por essa flor*.

Caminhando em direção ao Mercado Público de San Telmo, observei que uma grande faixa azul – com os dizeres ‘*Si Evita lo supiera!*’ (E se Evita soubesse) – aglutinava a multidão. Ficava evidente que o peronismo ainda é uma força política consistente,

permanece efervescente na consciência de parte significativa da sociedade argentina. Os doze anos dos governos *kirchneristas*⁵ de alguma forma contribuíram para reativar esse mito. Ao analisar como os aparelhos de hegemonia do estado argentino contam a história de Evita, percebe-se que as narrativas historiográficas se esforçam para caracterizar a ex-primeira dama como a única voz retumbante que realmente sensibilizou o coração dos pobres e dos trabalhadores argentinos. A história, todavia, relativiza, talvez de forma intencional, que o governo do general Juan Domingo Perón foi extremamente autoritário, cercado de contradições.

Para um estrangeiro, a frase “E se Evita soubesse!” pode soar nostálgica, porém, diante da instabilidade política e econômica que caracterizava a Argentina naquele momento, o bordão encontrava adeptos, era um combustível para arrastar multidões às ruas de Buenos Aires. *Tudo que Perón e Eva fizeram por essa nação, para acabarmos assim, de joelhos para o FMI* foi o desabafo que consegui captar de uma senhora de aproximadamente 50 anos, no Mercado Público de San Telmo, enquanto observávamos a multidão atravessar o centro histórico rumo à *Plaza de Mayo*.

Em meio a kamanchaka, as estratégias do movimento La Cámpora são ‘feixes de luz’ para resistirmos ao obscurantismo que assola a América Latina

Os estudos marxistas consolidaram, na América Latina, o entendimento de que os movimentos sociais são ações coletivas de caráter revolucionário contra as injustiças colocadas em curso pelo sistema capitalista. Nas últimas décadas, todavia, novos coletivos têm insurgido, rompendo com as formas clássicas de estrutura e organização – barricadas, carro de som: lideranças discursam e os demais manifestantes seguem a passeata invocando palavras de ordem. Observa-se que os “novíssimos movimentos sociais” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 20) tentam colocar em curso outras formas de organização, como, por exemplo, o associativismo civil de coletivos, tornando a

⁵ Tal afirmação tem por base vasta pesquisa bibliográfica analisada nas livrarias e acervos de Buenos Aires. Leitores interessados na temática podem observar o livro de memórias escrito por Cristina Fernández de Kirchner (2019). Nesta obra, a ex-presidenta, que atualmente acumula os cargos de vice-presidenta da República e presidenta do Congresso Nacional, traz à tona detalhes de como as políticas públicas na área de cultura foram planejadas e executadas no período de 2003-2015. Na narrativa, fica evidente a admiração pela capacidade de articulação política de Eva Duarte Perón, bem como a necessidade de preservar o ‘legado de Evita’. Sobre a história do peronismo, conferir livro de Di Marco e Palomino (2004).

análise sociológica e antropológica deste fenômeno extremamente complexa. As ações de resistência deixaram o chão de fábrica para ocupar os centros urbanos com pautas difusas e heterogêneas.

Na literatura sociológica, existem boas análises sobre a complexidade dos movimentos sociais atuais (MELUCCI, 2001; GOHN, 2004; SCHERER-WARREN, 2006; ARRUDA, 2011; SANTAELLA, 2016; GOHN, 2019). Neste artigo, a concepção teórica formulada por Alain Touraine (2006) é a escolha que adoto para analisar o objeto deste estudo: o movimento *La Cámpora*.

A teoria dos movimentos sociais contemporâneos, formulada pelo sociólogo francês, nos ensina que os novos coletivos expressam as contradições do atual sistema de dominação:

En primer lugar – y es el esencial – defino los movimientos sociales como unas conductas socialmente conflictivas pero también culturalmente orientadas y no como la manifestación de contradicciones objetivas de un sistema de dominación. No concibo el movimiento obrero solamente como un levantamiento de los proletariados pero si como un contramodelo a la sociedad industrial inclinada por los trabajadores poseedores de la fuerza de trabajo.

En segundo lugar, la acción de los movimientos sociales no está dirigida fundamentalmente frente al Estado y no puede ser identificada con una acción política por la conquista del poder; al contrario, es una acción de clases, dirigida contra un adversario propiamente social. Puede haber convergencia o alianza, jamás unificación entre un movimiento social y una acción de transformación del poder del estado.

(...) un movimiento social no puede ser el creador de una sociedad más moderna o avanzada que aquella que combate; él defiende, dentro de un campo cultural e histórico dado, otra sociedad. Es necesario remplazar el tema de la superación por el de la alternativa, dado que contradice las ideas evolucionistas que han liderado el pensamiento clásico social (TOURAINÉ, 2006, p. 258).

O alargamento da concepção e do conceito de movimento social formulado pelo autor, indo além da luta de classes, oferece-nos algumas pistas para tentarmos desvendar os movimentos sociais contemporâneos insurgidos na periferia do capitalismo, como, por exemplo, o movimento *La Cámpora*. Sua análise teórica teve como objeto de estudo o *Ejército Zapatista de Liberación Nacional*, levante armado, formado por camponeses e indígenas que assumiram o controle das principais cidades no entorno da Floresta *Lacandon*, no Estado de Chiapas, região sul do México, em 1994. Algo pouco problematizado pelas análises acadêmicas foi a participação da juventude hackerativista na produção de conteúdos específicos para serem distribuídos na rede mundial de computadores, especialmente em plataformas hospedadas em servidores fora do México.

Sobre este último aspecto, importante análise é realizada pelo sociólogo do Departamento de Relações Sociais da Universidade Autônoma Metropolitana de Xochimilco, José Alberto Sánchez Martínez (2017). Ressalta o pesquisador que, em 1994, os jovens hackers que se envolveram na causa zapatista, transmitindo ao mundo o que ocorria na selva tropical, utilizaram um gerador de energia à base de células solares, uma tecnologia cara e sofisticada, impensável para aquela região geográfica. Ocasão em que poucos órgãos do governo estavam informatizados, a internet não estava difundida nas escolas de educação básica ou universidades, e poucos mexicanos tinham acesso à rede mundial de computadores em seus domicílios.

Escrita logo após o conflito ocorrido no México, a perspectiva teórica de Alain Touraine continua sendo utilizada para analisar os movimentos sociais autônomos contemporâneos como as marchas antiglobalização ocorridas em Seattle e Praga⁶, as revoltas no Egito (2010), os conflitos de Londres (2011)⁷, os protestos que atravessaram parte do Oriente Médio – Tunísia, Iêmen, Líbia, Bahrein, Síria, Marrocos (2010-2012), a revolução rizomática dos Indignados na Espanha (2011-2012), o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos (2011-2012), bem como as Jornadas de Junho (2013). É preciso ressaltar que, no meio acadêmico, ainda existem muitas narrativas em disputas sobre acontecimentos ocorridos no atípico inverno brasileiro de 2013. Leitores interessados nestas análises que adotam outro referencial para estudar o fenômeno podem conferir os trabalhos de Zizek (2013); Bucci (2016) e Fernandes (2019).

Indo na contramão das formulações teóricas marxistas clássicas, Alain Touraine opta por substituir o conceito de ‘superação’ de uma sociedade opressora pela ‘construção’ de uma sociedade alternativa. O alargamento da concepção e do conceito de movimento social formulado pelo autor, além da luta de classes, nos oferece alguns subsídios para analisar os movimentos sociais autônomos contemporâneos.

Un movimiento social no interviene solo y no está jamás separado completamente de reivindicaciones y de presiones, de crisis y de rupturas que dan nacimiento a unos tipos diferentes de luchas. Yo llamo luchas a todas las formas de acción conflictivas organizadas y conducidas por un actor colectivo

⁶ Movimento antiglobalização organizado sob o lema “Outro mundo é possível”. Milhares de centenas de pessoas, a maioria estudantes, tomaram as ruas nos dias em que ocorria a Reunião da Organização Mundial do Comércio (SANCHO, 2018).

⁷ Onda de violência e saques protagonizada por jovens de classe média em protesto à polícia britânica por ter assassinado um morador de rua. As redes sociais *Twitter* e *Facebook* foram utilizadas intensamente para mobilizar a juventude britânica para os atos.

contra un adversario por el control de un campo social. Un movimiento social es el tipo particular de lucha más importante. Una lucha sólo puede ser reconocida como tal si responde a tres condiciones principales. En primera instancia, ésta debe ser conducida en nombre de una población particular. Existen unas luchas obreras o campesinas pero también unas luchas de consumidores o de habitantes de un barrio. Unos movimientos de ideas o de opiniones, un movimiento religioso o unos movimientos de tolerancia, aunque todos importantes, no pueden servir directamente de objeto para nuestra reflexión. En segundo lugar, estas luchas deben estar organizadas y no pueden existir solamente al nivel de la opinión, puesto que es necesario que exista cierta organización para que el conflicto se precise y para que el movimiento alcance cierta integración. En tercer lugar, se debe combatir un adversario que pueda estar representado por un grupo social, aun si – como a menudo sucede –, el adversario es definido en términos más abstractos: el capitalismo o el Estado (TOURAINÉ, 2006, p. 262).

La Cámpora, nome do coletivo juvenil analisado neste estudo, é uma referência ao ex-presidente argentino Héctor Cámpora (1909-1980), referenciado na memória peronista como o companheiro mais leal de Juan Domingo Perón. No período em que Perón esteve exilado na Europa, Héctor seguiu as instruções de seu mentor, conseguiu unificar as diferentes correntes dentro do partido, ganhou apoio de todos os sindicatos da Argentina, estratégias que o conduziram à Casa Rosada. Assim que assumiu a presidência, Perón retornou do exílio. Com o líder supremo da agremiação peronista em solo argentino, Cámpora renuncia após 48 dias de sua posse e convoca novas eleições gerais. Perón candidata-se, sendo eleito para o terceiro mandato, tendo como vice sua terceira esposa: Isabelita Perón.

O movimento *La Cámpora* agrega vários coletivos juvenis de espectro ideológico à esquerda. Surgiu em meados de 2004, quando a nação ainda era comandada por Nestor Kirchner. Mas foi com a chegada de Maurício Macri ao poder que o movimento ganhou notoriedade na imprensa latino-americana. Um dos aspectos que mais me impressionaram ao acompanhar suas ações foi a capilaridade deste movimento em comunidades em situação de vulnerabilidade social e risco. Em termos de influência, é possível relacioná-lo com a atuação do movimento religioso neopentecostal em territórios vulneráveis no Brasil⁸. Diante da devastação social em curso, protagonizada por governos neoliberais,

⁸ É importante ressaltar que, como pesquisador, não estou fazendo juízo de valor da atuação no movimento neopentecostal nas periferias brasileiras, mas leitores interessados na temática podem conferir pesquisa etnográfica realizada em municípios da Baixada Fluminense por Magalhães (2016). O pesquisador ressalta que, na última década, nenhum candidato a prefeito da região conseguiu se eleger sem ‘as bênçãos’ dos pastores neopentecostais. Outro estudo recente, também realizado no Estado do Rio de Janeiro, aponta a articulação das igrejas evangélicas, sua forte atuação via programas televisivos e

tanto a igreja como o movimento *La Cámpora* acabaram atuando como redes de proteção social.

O kirchnerismo promoveu uma renovação em suas bases de apoio. Enquanto o peronismo mais tradicional sempre teve relação com os sindicatos – uma das chaves de sucesso do governo de Juan Domingo Perón –, o kirchnerismo preferiu aliar-se a uma juventude engajada que surgia naqueles anos 2000 (COLOMBO, 2021, p. 141).

Forjaram as bases do movimento alguns descendentes de desaparecidos durante o regime militar. Com o passar dos anos, o movimento acabou tendo profundo impacto na subjetividade do jovem argentino, sobretudo dos que habitavam as áreas mais vulneráveis nos arredores da Província de Buenos Aires. Em meados de 2011, militar em agremiações como *La Cámpora* ou Juventude Peronista Revolucionária havia virado um *habitus*, no sentido sociológico proposto por Bourdieu (2003). Criou-se uma forma específica de falar, vestir e analisar a realidade. Reunidos em praças, parques ou estádios, os militantes entoavam um *hit* muito peculiar que trazia em sua sonoridade elementos do *rap* latino, além das batucadas e rimas dos efervescentes hinos das torcidas organizadas de futebol, uma das paixões da sociedade argentina.

No momento em que o governo de Mauricio Macri resolveu se curvar aos interesses do mercado financeiro, provocando a insurreição desta agremiação juvenil, os territórios periféricos da Grande Buenos Aires estavam sendo invadidos por aparelhos de hegemonia financeira⁹ que atuavam de forma organizada na difusão de discursos que desqualificavam as formas de organização popular constituídas na sociedade argentina. Tal narrativa privilegiava a meritocracia, bem como os direitos individuais.

É preciso pontuar que, durante os governos kirchneristas, Nestor e Cristina optaram por abandonar as formas clássicas de participação social que os governos peronistas promoviam: seminários e reuniões com as massas para decidir como o orçamento e as políticas públicas seriam executadas. Ressalta-se que Cristina sempre teve extremas dificuldades de lidar com as centrais sindicais, uma base de sustentação fundamental de

radiofônicos em horário nobre e a capilaridade junto aos territórios periféricos como elementos centrais na constituição da ‘hegemonia neoconservadora’ (FREIRE; MURAD; SILVA, 2019). Para as pesquisadoras, a atuação conjunta dessas instituições religiosas foi decisiva tanto no pleito estadual, como nacional de 2018.

⁹ Tendo por base os escritos de Antônio Gramsci (1978; 1979), neste estudo, classifico as ONGs que atuam nas periferias por meio de financiamento dos bancos, como aparelhos de hegemonia que embasaram o processo de difusão da ideologia da classe dominante.

qualquer governo peronista. O kirchnerismo, seguindo outras experiências latino-americanas – Bolívia, Brasil e Venezuela – na tentativa equivocada de sanear a ‘política de gotejamento’ recomendada pelo Banco Mundial no processo de gestão da ‘pobretologia’ (FONTES, 2012), acabou corroborando para o surgimento de uma parcela populacional individualista e despolitizada, um terreno fértil para os novos aparelhos de hegemonia atuarem no processo de educação e propagação dos novos discursos do neoliberalismo financeirizado¹⁰. Essa divisão no eleitorado que, tradicionalmente, sempre votou nos candidatos peronistas, foi decisiva na vitória de Macri, no segundo turno das eleições presidenciais de 2015.

Diante desse quadro de polarização e disputas de narrativas instaurado na sociedade argentina, o movimento *La Cámpora* insurge nos territórios periféricos com o objetivo de colocar em curso uma pedagogia que oferecesse um diagnóstico claro e objetivo do atual estágio do sistema ‘capitalista financeirizado’. De acordo com as lideranças do movimento, naquele momento, era urgente desvendar para os oprimidos as ilusões não concretizadas do neoliberalismo, bem como a falta de perspectiva para o futuro no atual estágio de acumulação.

O trabalho de base, cujo objetivo era levar conscientização política a sujeitos oprimidos que viviam à margem do sistema, era uma forma de promover espaços de participação social, justiça social e democratização dos saberes. O movimento tinha como fonte de inspiração as experiências latino-americanas de educação popular desenvolvidas no continente entre as décadas de 1960 a 1990. É curioso observar que os idealizadores do movimento resgataram textos clássicos de ações educativas colocadas em curso de forma subversiva, em um momento em que a região era abalada por assombrosas intervenções militares.

Fica evidente que os líderes do movimento *La Cámpora* são adeptos da pedagogia freireana. É digno de registro que, como brasileiro, me impressionou muito encontrar a obra de Paulo Freire em estantes de destaque em todas as livrarias da Grande Buenos Aires. Mesmo nos shoppings e galerias, onde não se priorizam livros acadêmicos, a obra

¹⁰ Corroboram com esta análise os resultados da etnografia realizada pela antropóloga Rosana Pinheiro-Machado (2019) com os beneficiários do Bolsa Família, moradores do Morro da Cruz, maior periferia de Porto Alegre.

de Paulo Freire estava lá. Talvez a capital latino-americana com os melhores índices de educação, segundo os organismos multilaterais, tenha algo a nos ensinar.

O percurso etnográfico desta pesquisa, ao sair dos acervos historiográficos da cidade portenha para acompanhar também as sociabilidades juvenis nos espaços urbanos da Grande Buenos Aires, traz elementos antropológicos mais amplos para debater os movimentos sociais em tempos de devastação social, onde assistimos ao encolhimento do Estado na esfera pública em praticamente todos os países da América Latina, bem como à desregulamentação dos direitos sociais e à intensificação da exploração da classe trabalhadora em nível mundial. As perspectivas para o futuro constituem uma intensa *kamanchaka*.

Na língua indígena aimará, *kamanchaka* é a palavra utilizada para descrever um fenômeno climático muito comum nos países andinos – névoa escurecida, acompanhada de ventos e frio intenso. Em períodos de extremidade, o sistema de saúde local registra picos de angústia e depressão. Os sociólogos Fernando Calderón e Manuel Castells (2021) utilizam a *kamanchaka* como uma metáfora para analisar o mal-estar social, político e sanitário que se intensifica em nossa região. Observar as estratégias que a juventude coloca em curso para resistir ao atual momento são *feixes de luz* convidativos para a reflexão e ação no processo de *(re)existir*.

Todavia, devo advertir aos leitores que, diante da intensificação do neoliberalismo pós-industrial, da reestruturação produtiva do capital junto à inteligência artificial e à engenharia big data, essa articulação gestada no âmbito dos coletivos juvenis e movimentos sociais organizados terá maior efetividade caso estas organizações tenham capacidade de colocar em curso processos de mobilizações mais amplos. Para isso, é preciso dialogar, bem como desenvolver estratégias conjuntas com o movimento sindical e com a mídia independente.

Fernando Calderón e Manuel Castells, ao analisarem as insurreições juvenis recentes ocorridas na América Latina, identificaram quatro novos elementos decisivos no processo organizativo dos novos movimentos populares:

- 1) a ação em rede dos movimentos socioculturais com carga subjetiva, que buscam novas formas de existência; 2) as experiências locais e horizontais de tomada de decisão política; 3) a comunicação horizontal de massas que se produz nas redes sociais; 4) a ação comunicativa direta que se produz

sobretudo entre líderes carismáticos e sociedade no espaço público informacional (2021, p. 202).

No objeto problematizado neste artigo – movimento *La Cámpora* –, adiciono um quinto elemento: a capacidade de articulação com as mídias independentes. A construção da *Rede Nacional de Mídia Alternativa* é apenas um exemplo da capacidade destes coletivos de promoverem interação dialógica com a sociedade argentina.

Quando recorro à expressão ‘mídia independente’, estou me referindo a um tipo de comunicação gestada e difundida por movimentos associativos: sindicatos, coletivos juvenis, associações de classe. A popularização do uso de dispositivos móveis conectados à internet fez emergir uma sociabilidade reticular, “em que as possibilidades de expressão e disseminação ilimitada de mensagens são usadas para novas modalidades de interação, associação e mobilização política, que vão das mobilizações cívicas de protesto às terroristas” (BABO, 2017, p. 77).

É importante ressaltar que a comunicação sempre foi uma pauta prioritária dentro dos círculos de debate e formação na agremiação peronista. De Juan a Cristina, todos os governos peronistas argentinos tiveram embates com a mídia comercial e desenvolveram mídias participativas independentes para dialogar com as massas.

Considerações finais

A experiência problematizada neste artigo mostra que os movimentos sociais contemporâneos podem incorporar as suas táticas, formas de interações on line, para se fortalecer e, sucessivamente, ganharem espaços físicos. Diante do quadro alarmante de exclusão tecnológica nos territórios periféricos da América Latina apontado pelo relatório da UIT (2019), não se pode, porém, abandonar as formas clássicas de diálogo e mobilização das classes oprimidas. Considerando a ausência de uma política pública que garanta às populações vulneráveis acesso de qualidade à internet, faz-se necessário que os movimentos sociais estejam presentes nas redes, mas não abandonem o trabalho de base nas comunidades.

Com a volta do peronismo à Casa Rosada, em 2019, torna-se interessante continuarmos a observar como o movimento *La Cámpora* se comportará diante das diretrizes do novo governo. Alberto Fernández ganhou simpatia da classe média de

Buenos Aires – último estrato a aderir à chapa peronista na reta final da campanha – pelo seu desempenho durante o governo de Nestor Kirchner, aclamado pela opinião pública como o melhor presidente da história recente da nação. Todavia, herdou de Maurício Macri uma dívida estratosférica junto ao Fundo Monetário Internacional, situação que ficou ainda mais complexa com pandemia causada pela Covid-19.

Em meio às ações de emergência sanitária para conter a pandemia, o país também tem se deparado com pequenos protestos, sobretudo na cidade autônoma de Buenos Aires, liderados pelo militar aposentado Juan José Gómez Centurión. Candidato à presidência nas eleições de 2019, Centurión obteve aproximadamente um milhão de votos. O fato causou certa perplexidade, uma vez que o então candidato – nos debates televisivos – não perdia a oportunidade de exaltar o regime militar, bem como os torturadores responsáveis pelo desaparecimento de 22 mil argentinos presos durante o assombroso período. Na hipótese de Alberto Fernández fracassar em sua tentativa de tirar o país do colapso financeiro em que se encontra, em 2023, a ‘burguesia boêmia de Buenos Aires’, que esteve ao lado de Macri nos pleitos de 2015 e 2019, pode dar uma guinada ao radicalismo populista da extrema-direita.

Outro assunto que voltará ao debate político pós-pandemia diz respeito à posição do novo presente em relação à conturbada *lei dos meios*. A lei n. 26.522, promulgada pela presidenta Cristina Kirchner em 10 de outubro de 2009, após uma virulenta batalha política, visava regular e combater a formação de oligopólios da comunicação. Maurício Macri conseguiu cooptar toda a mídia tradicional desregulamentando vários artigos da referida lei. Alberto Fernández atenderá ao clamor popular do *La Cámpora* ou tentará um pacto com a burguesia boêmia de Buenos Aires? Uma questão que, neste momento pandêmico, fica em aberto.

Referências

- ARRUDA, Gisele Regina Paes de. **Movimentos sociais no ciberespaço**: uma investigação sobre o ciberativismo. 2011. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BANCO MUNDIAL. **World development report 2016**: Digital dividends. Washington: Banco Mundial, 2016.
- BABO, Isabel. Redes e ativismo. *In*: DI-FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick. **Net-ativismo**: redes digitais e novas formas de participação. São Paulo: Papyrus, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: EdUNESP, 2003.
- BUCCI, Eugênio. **A forma bruta dos protestos**: das manifestações de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CALDERÓN, Fernando; CASTELLS, Manuel. **A nova América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COLOMBO, Sylvia. Argentina: paciente com comorbidades. *In*: COLOMBO, Sylvia. **O ano da cólera**: protestos, tensão e pandemia em 5 países da América Latina. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.
- Di MARCO, Graziela; PALOMINO, Héctor. **Reflexiones sobre los movimientos sociales en la Argentina**. Buenos Aires: EdUNANSAM, 2004.
- FAYT, Carlos. **La naturaleza del peronismo**. Buenos Aires: Viracocha, 1967.
- FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos**: a encruzilhada da esquerda brasileira. Belo Horizonte: Autonomia Literária, 2019.
- FONTES, Virginia Maria. **O Brasil e o capital-imperialismo**: teoria e história. 3a. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/EdUFRJ, 2012.
- FREIRE, Silene de Moraes; MURAD, Larissa Costa; SILVA, Leticia Tavares da Silva e. Segurança pública, mídia e neoconservadorismo: a naturalização da barbarização das relações sociais. **Revista de Políticas Públicas da UFMA**, v. 23, n. 1, p. 212-231, 2019.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.
- GOHN, Maria da Glória. **Participação e democracia no Brasil**: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

- GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- KAUFMAN, Dora. **A inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
- KIRCHNER, Cristina Fernández. **Sinceramente**. 5a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Sudamericana, 2019.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: EdUSP, 2003.
- JAURETICHE, Arturo. **Política Nacional y Revisionismo Histórico**. Buenos Aires: Peña Lillo, 1959.
- LIEBERMAN, Robert; METTLER, Suzanne; PEPINSKY, Thomas; ROBERTS, Kenneth; VALELLY, Richard. Trumpism and American Democracy: History, Comparison, and the Predicament of Liberal Democracy in the United States. **Global Populisms, Freeman Spogli Institute at Stanford University**. Disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3028990> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3028990>.
- MAGALHÃES, Alexander. **Amigo da fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na Baixada Fluminense**. 2016. 304f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- MARTÍNEZ, José Alberto Sánchez. Evocações do Zapatismo: Internet, Ativismo e Política. *In*: DI-FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick. **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas: Papirus, 2017.
- MELO, Patrícia Campos. Fatos alternativos e a ascensão de populistas no mundo. *In*: MELO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre Fake News e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NEIBURG, Federico. **Os intelectuais e a invenção do peronismo**. São Paulo: EdUSP, 1997. (Coleção Ensaio Latino-Americanos).
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

- REIS, Valdeci; SCHNELL, Roberta Fantin; SARTORI, Ademilde Silveira. Big data, Psicopolítica e Infoética: repercussões na cultura e na educação. **Percursos**, Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 50-49, 2020.
- REIS, Valdeci. **Cenas juvenis na escola, na cidade e nas redes**: notas etnográficas na ilha de Florianópolis e tantos outros ilhéus. 2020. 223f. Tese (doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- SANCHO, Guiomar Rovira. Multidões conectadas e movimentos sociais: dos zapatistas e do hacktivismo à tomada das ruas e das redes. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas. **Tecnopolíticas da Vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. (Coleção Estado de Sítio).
- SANTAELLA, Lúcia. **Temas e dilemas do pós-digital**: a voz da política. São Paulo: Paulus, 2016.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Soc. Estado**, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922006000100007>.
- TOURAINE, Alain. Los movimientos sociales. **Revista Colombiana de Sociología**, n. 27, p. 255-278, 2006.
- TOURAINE, Alain. **O que é a democracia?** 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- TOURAINE, Alain. **O mundo das mulheres**. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **The State of Broadband 2018**. Genebra: UNESCO/ONU, 2019.
- VIRDEE, Satnam; MCGEEVER, Brendan. Racism, Crisis, Brexit. **Ethnic and Racial Studies**, 2017.
- ZIZEK, Slavoj. Problemas no paraíso. In: MARICATO, Ermínia. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 101-109. (Tinta Vermelha).
- ZUBOFF, Shoshana. **Big Other**: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas. **Tecnopolíticas da Vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. (Coleção Estado de Sítio).

Recebido em 27 de junho de 2021 | Aceito em 08 de julho de 2021



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional